

*Editorial*

---

Qualquer um que se aventure nos descaminhos da escrita se depara com a imensa dificuldade e angústia que ela nos gera. Talvez por termos consciência de que, na totalidade do real que salta aos olhos de maneira incontestável, há uma parcela incapturável pela linguagem. O discurso em si não dá conta de esgotar a diversidade da experiência, embora a experiência deva ser inexoravelmente narrada por meio de algum tipo de discurso. Essa perseguição incessante das coisas e adequação à sua infinita variedade (Italo Calvino) diz respeito a uma lacuna devida à impossibilidade de exaurir pela linguagem toda a potência da existência. É, porém, justamente essa falta que nos põe em movimento em busca de outras formas de expressão.

Observada com outro olhar, essa falta provocada pela linguagem é a mesma que possibilita espaço para que deixemos para trás aquilo que nos aprisiona ao mundo que temos. O vazio da linguagem pode impulsionar o ser humano para a recriação de seu mundo. Para tanto, imprescindível primeiramente uma atitude de desencantamento, de rompimento das amarras que nos aprisionam a um modo cartesiano e acadêmico de elaborar o raciocínio; é necessário um desancorar da estabilidade e segurança advindas da mera reprodução (que apenas oblitera o pensamento), em favor do pendular de uma embarcação a navegar alforriada em busca do exercício livre e criativo da reflexão. Recriar o mundo é despojar-se do apego de sua concretude e abrir espaço a uma nova realidade, que só se instala se houver vazio para viabilizá-la.

É preciso então tornar-se órfão do mundo que enxergamos para dar lugar àquele outro mundo que quisermos inventar. O desvanecimento desta realidade na busca da invenção de um outro mundo só ocorrerá na presença de um elemento bastante raro em nossos dias: a leveza. É porque temos experiência do peso do mundo manifesto sob toda forma de opressão que a idéia de um mundo constituído pela gravitação de imagens suspensas no ar nos impressiona. Considerar o mundo sob outras perspectivas que não a densidade, sob outras formas de conhecê-lo, pode nos colocar diante da sutileza das infinitas potencialidades imprevisíveis do pensar. A escolha da escrita e da linguagem, por mais limitado que seja o seu caminho, é ainda uma possibilidade concreta de proporcionar a leveza de que o mundo carece.

Traduzir é trair a própria linguagem. O trabalho de tradução não se dá somente de uma língua para outra, mas também no âmbito de uma mesma língua. Considerada nesse sentido, a tradução se consubstancia na possibilidade de dizer a mesma coisa das mais variadas maneiras. Traduzir a própria língua é engravidá-la de múltiplos sentidos. Igualmente, a expressão profanar significa restituir as coisas ao livre uso dos homens. Assim, quando uma criança improvisa uma brincadeira com coisas consideradas sérias pelos adultos, ela está dando uma nova dimensão de uso à gravidade e ao peso humanos. A criança profana pela leveza. Essa suavidade da ludicidade pode quebrar pelo desvio o olhar petrificado do homem em relação ao mundo para criar outra forma de compreendê-lo. Traduzir e profanar são propostas, dentre outras possíveis contempladas pela nossa revista, de leveza para um novo uso de nossos instrumentos, nos quais se inclui o Direito.

Dessa maneira, os textos que ora se apresentam procuraram profanar e trair o Direito por meio da linguagem. Trata-se do potencial profanatório da linguagem que se traduz em outras pela leveza. Para que não nos transformássemos em estátuas de nós mesmos, na expressão do italiano Calvino, buscamos com a escrita a ruptura do mundo que temos em busca da criação de um outro que podemos profanar. Esse jogo de aprendizado e reflexão envolve necessariamente uma manipulação também criativa do nosso objeto primeiro, o Direito. Olhá-lo cripticamente e ser lúcido ao observá-lo é ter coragem de usar da leveza para pensar/agir sobre a realidade.

*Os editores.*